

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 13 DE DEZEMBRO DE 2001

*Meu caro Vice-Presidente; Senhores Ministros de Estado; meus companheiros aqui presentes; Senhoras e Senhores,*

Serei brevíssimo, porque o mais expressivo já foi dito. E o mais expressivo, realmente, é a entrega dos prêmios. É uma homenagem que se presta àqueles que estão se batendo no campo da criatividade e ajudando o Brasil a avançar neste terreno tão importante, que é o desenvolvimento científico e também, no caso aqui específico, dado que o tema era a questão pedagógica, a difusão de melhores práticas pedagógicas.

A importância deste prêmio já foi ressaltada. Mas não posso deixar de reafirmar e agradecer ao Doutor Jorge Gerdau, à Fundação Gerdau, ao Jornalista Roberto Marinho, que, através do seu filho, esteve aqui presente, à Fundação Roberto Marinho. E a todos aqueles do CNPq e do Ministério da Ciência e Tecnologia que estão, há alguns anos já, de uma maneira simples, mas simbólica, motivando os brasileiros e as brasileiras para que possamos entrar neste próximo século – no qual já estamos – com a cabeça erguida e com a confiança de que, a despeito das dificuldades, estamos lançando as sementes, as bases, os fundamen-

tos de uma sociedade melhor, mais competente, com mais conhecimento e, sobretudo, com mais acesso a esse conhecimento.

As transformações ocorridas, recentemente, sobretudo no campo da informática – hoje vimos aqui alguns exemplos de como é possível utilizar, de forma criativa, os computadores para o desenvolvimento de novas técnicas de ensino –, que estão mudando efetivamente a sociedade.

Talvez não tenhamos, ainda, toda a perspectiva para perceber o que está ocorrendo. Mas o Doutor João Roberto mencionou algo que é muito significativo: crianças de oito anos nos dão quinau no manejo dos computadores. Ele falou dos filhos dele. Eu falo dos meus netos. Nem chego perto, tanta a habilidade deles e tão canhestro sou eu no manejo dos computadores. Isso é uma coisa muito positiva.

Também me lembrei de Paulo Freire, quando aqui se disse que houve uma experiência escolar em que os alunos ensinavam aos professores. É assim. O ensino não é uma atividade unidirecional. É uma via de dupla mão. O professor também aprende com o estudante. Nesse caso, temos que ter a humildade e mesmo a competência de aprender com os que sabem, que são os mais jovens, no caso, que se apoderam dessas técnicas com mais rapidez.

Estamos fazendo um esforço considerável nessa matéria. Hoje, recebi o Embaixador da Irlanda no Brasil. A Irlanda é um país modelo nessa matéria. Houve uma verdadeira revolução na Irlanda. Comentamos os efeitos dessa revolução tecnológica na sociedade. E ele disse, referindo-se à Irlanda, que, no início, há 10 anos, quando eles começaram a se empenhar muito na utilização das técnicas da informática e na generalização do acesso à informática, havia certo ceticismo. O mesmo que aqui existe: “Ah, mas não tem gente preparada.” Ou, então: “Como é possível?” – “na Irlanda, imaginem” – “um país com regiões tão remotas” – “imagine isso no Brasil, onde, realmente, há regiões tão remotas” – “não seria possível a utilização disso.” É o contrário. Exatamente porque temos um país imenso precisamos dessas técnicas.

E eu disse ao Embaixador – e não é a primeira vez que o digo – da minha alegria quando, uma vez, fui a uma cidade do Mato Grosso, chamada Sinop, no limite da fronteira amazônica, para assistir ao início

de um programa, justamente, de utilização de computadores e sua vinculação à Internet. Lá, em Sinop, vi os estudantes falando com colegas seus do Rio Grande do Sul, via computador, e mandando cartas a estudantes dos Estados Unidos. Escreviam aqui em português e eles recebiam em inglês. Lá, respondiam em inglês e já era traduzido, e recebiam aqui a mensagem em português.

Recentemente, fui informado de que há uma atividade que é empresarial e em cooperação com o Governo. É um esforço de digitalização da Biblioteca Nacional. A Biblioteca Nacional brasileira assim como o Arquivo Nacional são monumentos históricos, na verdade, e são preciosidades. A Biblioteca Nacional vai estar, dentro de muito pouco tempo, à disposição de todas as pessoas que tenham a possibilidade de, através da Internet, acessar seus arquivos.

Então, lá na Amazônia, em Tabatinga, em Sinop, em São Gabriel da Cachoeira, ou cá embaixo, no Rio Grande do Sul, em Erechim, onde seja, em casa se tem acesso a tudo aquilo que seria preciso ir ao Rio, ficar esperando, tem fila, não tem acesso fácil, etc. etc.

Quer dizer, é um outro mundo que estamos começando a viver. É, realmente, um Renascimento, por mais que me critiquem por ter dito isso a respeito do mundo que estamos construindo, imaginando que, com isso, eu poderia estar dizendo que o mundo não tenha dificuldades, que não haja pobreza, que não haja assimetria. Claro que há dificuldades. Claro que há pobreza, infelizmente. Claro que há assimetrias. Mas temos hoje, já, um instrumental que permite melhorar o mundo, permite mais acesso à educação, permite mais rapidez na informação, portanto permite mais liberdade.

Repito o que disse outro dia a respeito de um economista hindu, do qual sou fã, que é Amartya Sen, que disse que não existe desenvolvimento sem liberdade. O desenvolvimento é a pluralidade de caminhos que a liberdade oferece. E é verdade.

Então, à medida que se tem mais acesso, mais informação, há mais liberdade. Mais liberdade, mais possibilidade de promoção do ser humano. E, portanto, efetivamente, mais desenvolvimento, não no aspecto apenas material, mas no aspecto da maior consciên-

cia, maior capacidade de tomada de decisões próprias. E maior possibilidade, portanto, de influenciar sobre os rumos da sociedade em que se vive.

Falta muito. Esses exemplos que vimos hoje mostram que há um interesse muito grande, no meio brasileiro, pelo desenvolvimento científico e tecnológico. E é verdadeiro isso. Existe esse interesse. Falta muito – eu dizia. Mas, dentro de pouco tempo, apesar de que vamos ter falta, efetivamente, de professores, teremos, nas 13 mil escolas públicas brasileiras de nível secundário e profissionalizante, uma ligação de cada uma delas com a rede de Internet e uma disponibilidade de computadores para o treinamento das crianças. Espero que até o final do ano que vem isso seja possível. Se não for possível até o final do ano que vem, será em meados do ano 2003. De qualquer maneira, em muito pouco tempo isso será assim.

Ontem ou hoje, nos jornais, se noticia que em Curitiba já se completou esse processo. Em São Paulo também. Quer dizer, existem várias experiências de dar maior acesso à utilização de computadores e ao uso da informática.

O Ministério da Educação fez um grande esforço nessa matéria. Hoje, no Ministério de Comunicações, graças ao fato de que cobramos uma taxa das empresas privatizadas, o Fust, que permite a universalização do acesso, estamos criando as bases materiais para que haja uma sociedade realmente do conhecimento, uma sociedade informatizada. Estamos não apenas criando o acesso das escolas à Internet, mas também dos hospitais, por causa da telemedicina, que é uma coisa muito importante para um país como o nosso. Estamos criando quiosques nas cidades para que as pessoas do povo possam ter acesso a esse instrumental, nos postos de Correios, onde seja.

Em questão de mais tempo ou menos tempo teremos, realmente, uma sociedade informatizada. Estamos levando adiante também algumas modificações importantes em nível de Governo. Criamos o que se chama *e-government*, quer dizer, o Governo através da Internet, através das técnicas de computação. Já há mais de 350 programas do Governo oferecidos aos usuários através da Internet.

Os brasileiros aprendem rápido e utilizam rápido. É sabido que a totalidade das empresas brasileiras prestou suas declarações de Imposto de Renda através da Internet. E creio que 90% das pessoas físicas. Quer dizer, uns 10, 12 milhões de pessoas físicas e jurídicas, não que tenham computador em casa, mas tiveram acesso ao computador e o utilizaram para prestar contas à Receita. Poucos países no mundo têm essa capacidade de, tão rapidamente, se apropriar dessas novas tecnologias e as utilizarem.

É, portanto, com esse espírito que venho, outra vez, aqui para felicitar cada um daqueles que ganhou esses prêmios e, como foi lembrado, os que concorreram também, e dizer que fazem parte desse novo momento.

Se queremos dar um conteúdo humano ou humanístico à expressão que usei há pouco, abusivamente, quem sabe, de Renascimento, ou seja, de voltar à idéia de que o homem é a medida das coisas – porque isso foi a grande idéia do Humanismo e do Renascimento –, de voltar a essa idéia e não ficarmos, simplesmente, a reboque de transformações materiais, precisaremos, efetivamente, de multiplicar, e muito, aqueles que, como vocês, estão contribuindo para o desenvolvimento científico e para a inovação.

Apraz-me dizer que hoje, graças aos fundos que foram criados, que são 14 – o Congresso está ultimando a aprovação dos últimos quatro fundos de apoio à investigação científica que enviamos para lá –, nós, a partir do ano que vem, vamos ter cerca de 1 bilhão de reais para os pesquisadores das escolas, das empresas, do serviço público e do sistema de competição, como é característica do CNPq.

Isso é uma grande transformação, porque é a possibilidade de um fluxo contínuo de recursos para os pesquisadores, que independerá dos Orçamentos, independerá das restrições que, eventualmente, possam ocorrer no futuro no manejo das finanças públicas.

Graças a isso, hoje podemos dizer que nas publicações científicas internacionais 1,4% dos trabalhos publicados são de autoria de brasileiros, o que, no *ranking* internacional, já nos coloca na 17ª posição entre os países que publicam matéria científica. Mais ainda: estamos forman-

do cerca de 6 mil doutores por ano – 6 mil. Isso multiplicou, sei lá, por quatro o número de doutores na última década. Eu não queria dar a impressão de que é neste governo. Na última década. São 6 mil doutores. Isso equivale ao que se tem de produção no Canadá, na Itália, na Coreia. É claro que a nossa população é maior. Portanto, precisamos aumentar ainda mais. Mas isso significa que já temos um peso na produção científica.

Claro que no Brasil, dada a imensidão, dadas as disparidades, dado tudo isso, sempre parece que é uma gota d'água. Mas não é uma gota d'água. Pelo menos começa a ser uma chuva. Ainda não é de verão, mas já começa a haver uma chuva de conhecimento ou, pelo menos, um chuvisco de conhecimento internacional da produção científica brasileira.

É isso que garante a possibilidade de um futuro melhor. É isso que garante a nós uma possibilidade de uma autonomia maior. É isso que nos dá, realmente, a possibilidade de falar com firmeza no concerto das nações. Sem arrogância, mas com firmeza, porque acreditamos, efetivamente, que estamos construindo um país mais competente, um país mais informado e, sobretudo, um país mais democrático, onde a informação seja acessível a todos e onde a formação não seja privilégio de poucos. Falta para chegar lá, mas vamos chegar.

Parabéns a vocês e muito obrigado.